



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO
DE ESTUDOS CULTURAIS
E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS
CULTURAIS E EDUCAÇÃO

OUTROS MODOS
DE NARRAR O MUNDO

23 A 26 | MAIO | 2022

Promoção:



Programa de Pós-graduação
em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação
em Educação UFRGS

VIDAS BILÍNGUES: NOS RASTROS DAS NARRATIVAS DE SI DE ACADÊMICOS SURDOS

Juliana de Oliveira Pokorski, UFRGS – juliana.pokorski@gmail.com¹

O presente trabalho é produzido a partir de um recorte da tese “Narrativas Surdas de Percursos Acadêmicos”, na qual foram analisadas narrativas de si produzidas por surdos em suas teses e dissertações. Neste recorte específico são selecionadas as narrativas que dizem sobre as experiências de transitar entre duas línguas, destacando os encontros e desencontros com a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais, desde a infância, na relação com familiares e na escola, até a pós-graduação. Como resultados são evidenciados o valor da língua de sinais como aquela que sustenta as identidades e as comunidades surdas, que são narradas como o impulso e também o público para o qual as pesquisas se dirigem; e o caráter bilíngue da presença surda, que imprime no ambiente da pós-graduação, marcas de resistência e luta pela abertura de espaços para sua existência.

Palavras-chave: narrativas surdas; Bilinguismo; Língua de sinais na pós-graduação

Esse texto parte de algumas premissas que sustentam os modos de olhar para o objeto de pesquisa que aqui se constrói. Uma primeira premissa é a de que toda escrita é em alguma medida autobiográfica (ARFUCH, 2010), e deste modo olhar para as pesquisas acadêmicas produzidas por surdos não é somente uma oportunidade de conhecer um mundo de investigações, processos metodológicos, perguntas e achados, mas também de conhecer um pouco esses sujeitos-pesquisadores, das histórias que encaminham para questionamentos de pesquisa, das narrativas sobre as experiências que constituem os sujeitos surdos na pós-graduação e seus processos em se tornarem surdos acadêmicos.

¹ Doutora e mestre em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU UFRGS) na linha dos Estudos Culturais em Educação. Docente do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFRGS (DEE – FACED UFRGS)



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

Um segundo princípio é o de que a pesquisa parte de um lugar específico, o qual possibilita olhar para objeto de pesquisa de uma maneira singular. O meu lugar de fala (RIBEIRO, 2017) não me impede de produzir pesquisa sobre as narrativas surdas, pelo contrário, me apresentar como ouvinte, possibilita pensar que minha escrita não parte um pretense lugar universal, mas que é marcada por um contexto de privilégios. Reconhecendo isso, minha pesquisa não objetiva “dar voz” a ninguém, porque afinal esses sujeitos que podem ser vistos com foco em minha investigação, já dizem muito, pretende, no entanto, “estar e permanecer onde já falam, onde já dizem”(SKLIAR, 2019, p.117) e a partir desse lugar me aliar ao movimento proposto por Paddy Ladd (2013) aos pesquisadores surdos, de, com a escrita acadêmica, criar um espaço para que as narrativas da comunidade surda de maneira mais ampla possam ser visibilizadas.

Costurei a tese “Narrativas Surdas de Percursos acadêmicos” (POKORSKI, 2020) com uma metáfora na qual o percurso investigativo pode ser visto como uma jornada, uma aventura na qual cada um leva uma grande mochila onde carrega não somente ferramentas teórico-analíticas, mas também diferentes recursos para chegar até a grande torre da pós-graduação, a partir da qual é possível olhar por diversas janelas, fissuras nas paredes, pequenas ou grandes aberturas e enxergar os inúmeros objetos de pesquisa. Aproveito essa metáfora, para nesse texto específico apresentar um recorte, em que a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais se apresentam ora como um recurso valioso, uma ferramenta que possibilita abrir caminhos, construir pontes, ora se apresenta como um degrau, ou ainda como um obstáculo, uma vegetação densa que precisa ser moldada para que se possa seguir a travessia.

Das 207 produções acadêmicas analisadas na tese, no presente recorte selecionei apenas as narrativas que dizem sobre as experiências com as línguas, destacando os encontros e desencontros com a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais, desde a infância, na relação com familiares e na escola, até a pós-graduação. A escolha por esse delineamento específico se deu pela recorrência acentuada de narrativas que pareciam indicar a centralidade da língua de sinais não somente na constituição das identidades e comunidades surdas, como também como eixo central das possibilidades para se produzirem identidades surdas acadêmicas.



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

1. Narrativas de infância: da descoberta da surdez ao encontro com a surdidade

Em grande parte das teses e dissertações analisadas as narrativas sobre a infância se fazem presentes, e, de maneira recorrente, o enredo narrativo perpassa as seguintes etapas: inicialmente é narrado a descoberta da surdez, ou um fato a partir do qual acontece a perda auditiva. Nessa primeira etapa é comum que as narrativas sejam apresentadas a partir da ótica da família, é ela que vivencia o luto, a culpa, vai em busca de respostas que geralmente envolvem tentativas de tratamentos, apagamento de uma diferença, vista como negativa, algo a ser corrigido.

Uma segunda etapa nesse enredo acontece na escola, espaço no qual a diferença não pode mais ser totalmente mascarada, e que justamente, por algumas vezes, pela primeira vez não se deseje mais apagar um modo de existência. É na escola, em grande parte das narrativas, que acontece o primeiro encontro com a língua de sinais e com o par surdo, fato que produz uma virada na trama dessa vida infantil.

É interessante destacar, que desde os agradecimentos e dedicatórias das teses e dissertações, tanto a família quanto a comunidade surda são destacados. A comunidade surda, esta que geralmente se faz presente na escola, é apresentada como uma segunda família, e o encontro com o par surdo é sublinhado como um fator relevante para a constituição de si. É na família que inicia a vida, mas é no encontro surdo-surdo que se produz uma outra forma de viver:

[Agradecimento] À Comunidade Surda, pela aprendizagem e por me ensinar a conviver com a língua de sinais e sua cultura. Isto me ajudou a encontrar a minha identidade surda e pude crescer com autoestima, sendo otimista e confiante para seguir adiante na vida. (ALVES, 2016)

Essa virada narrativa, ou esse encadeamento das duas etapas, não acontece de maneira simples, ou totalmente linear. O sujeito surdo se apresenta por diversas vezes como um sujeito em busca: de um diagnóstico inicialmente, e nessa investida percorre diferentes municípios e instituições; se empenha em encontrar uma escola adequada, um lugar para se sentir aceito, produzir conhecimentos e participar efetivamente; e até mesmo na fase adulta, permanece a



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

procura de uma universidade que atenda não somente suas demandas linguísticas, mas que possibilite a sua existência.

A busca incessante é permeada por sentimentos de falta, de incompletude perante a tentativas de construir uma igualdade pautada em uma centralidade ouvinte. Mesmo em contato com familiares e amigos, não são raros os relatos que evidenciam sentimentos de uma solidão que não é física, mas atravessada pela ausência do encontro com alguém com quem se possa compartilhar uma ideia de pertencimento, de compartilhamento de experiências. São destacados sentimentos de não-compreensão de si e do mundo, já que os relacionamentos são inicialmente permeados apenas por observações atentas e cópias sem sentido (do português escrito e oral), que ainda que destaquem o desencontro linguístico, afirmem a experiência visual como um marcador central das vidas surdas.

Nas minhas memórias de percepções eu me via e me observava todo meu redor através dos meus olhos, toda visualidade era minha riqueza. Eu percebia o som apenas nos meus sentidos táteis e também visuais, via que as bocas das pessoas soltavam um som, porém sons muitas vezes sem significado para mim. [...] Sentia em mim um vazio interior, uma solidão mesmo que minha família estivesse sempre presente me sentia como se faltasse algo. Achava que eu era a única pessoa surda e sempre ficava triste ao ver outras crianças brincar de corre-corre, cantigas de rodas, esconde-esconde sempre ganhavam e eu sempre perdia.

(FERNANDES, 2017, p. 66)

Talvez por serem os únicos surdos da família, talvez por conta do período histórico nos quais os relatos se inscrevem, não são raras as narrativas que apresentam vidas marcadas por anos nos quais a língua portuguesa é vista como uma única possibilidade. A língua de sinais, atualmente destacada por pesquisas como sustentáculo de uma aquisição bilíngue (CRUZ; FINGER, 2013), para a época, talvez, fosse vista como um marcador de uma diferença que se desejava apagar.

Em um tempo no qual não se pensava no conceito de inclusão, o direito de estar em sala de aula era medido pela possibilidade de ser confundido com um ouvinte. Apresentar o padrão ouvinte como ideal a ser conquistado, é, no entanto, uma violência, na qual, o sujeito chega na escola já em dívida, previamente marcado pelo fracasso. Ironicamente, a diferença não pode ser eliminada, mas justamente através da Libras é possível suprimir a surdez, não no sentido de apagar o sujeito, mas se dissipar uma ideia de falta, a imagem de si como um ser deficiente. No



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

momento que se constitui uma identidade permeada na completude de uma língua, o aprendizado do português assume outros significados, abrindo a possibilidade de entrar em contato com outros sujeitos e outros saberes.

Portanto foi, na escola que começamos a usar a Libras como a primeira língua dos surdos e a entendê-la com uma das duas línguas oficiais do Brasil. Também tínhamos acesso ao português escrito como segunda língua, pois, como disse anteriormente, a escola Helen Keller foi uma das pioneiras na proposta de educação bilíngue para surdos. Acho importante ser bilíngue, ou seja, saber a Libras e o português. Embora muitos surdos pensem que a leitura labial é uma opressão dos ouvintes, não percebo que a aquisição de uma segunda língua tenha me oprimido, pelo contrário, me facilitou e me ajudou a ter mais independência. (DALL'ALBA, 2013, p. 15)

Quando o português não é visto como a única possibilidade, como algo de que se necessita para se tornar completo, ou como único meio de acessar determinados espaços a que se tem direito, os contornos das línguas se modificam. A diferença reside no fato de que ao ser vista como uma língua adicional, o português deixa de ser a língua do ouvinte apenas, a quem é preciso se subjugar, e passa a ser considerado como uma língua que também pertence ao surdo, capaz de abrir portas, sobretudo quando a língua de sinais ainda não se faz presente em todos os espaços.

2. Narrativas acadêmicas: (im)possibilidades de ingresso e permanência no Ensino Superior

Para pensar as narrativas sobre as experiências no Ensino Superior é necessário lembrar que no Brasil não há um acesso generalizado de toda população a esta etapa de ensino. Além disso, em alguma medida, as políticas de democratização de acesso são bastante recentes, como por exemplo o Programa de Apoio da Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) implementado em 2007, o Programa Universidade para Todos (Prouni), de 2013 e o Programa de Acessibilidade na Educação Superior (Incluir) de 2005 que posteriormente deu base para a criação de núcleos de acessibilidade nas universidades, a partir de 2011. Não é possível, e muito menos desejável, desvincular as vivências surdas do contexto social, político e histórico a que elas se inserem. Alguns relatos

O relato de Aparecida Rossi, sobre a sua entrada na universidade de odontologia em 1973 parece indicar que inicialmente o Ensino Superior só foi possível em decorrência de contatos familiares e afetivos, uma vez que nem mesmo o acesso ao vestibular era viabilizado.



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO
DE ESTUDOS CULTURAIS
E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS
CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação
em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação
em Educação UFRGS

Foi um dos maiores desafios da minha vida, depois de três vestibulares barrados e, apenas, com a permissão do dono de uma instituição particular, que conhecia a minha capacidade, sendo este, também, amigo da Professora Dulce de Oliveira fundadora da escola de surdos, que consegui entrar na universidade em 1973. (ROSSI, 2014, p. 17)

A exclusão, no entanto, acontecia em diferentes níveis e etapas, seja pela inexistência da Libras desde o vestibular, seja pelos limites do mercado de trabalho em considerar um profissional surdo agora formado no Ensino Superior, aspectos que balizam a escolha dos cursos por esses sujeitos. Há quem escolha o curso pensando em encontrar um espaço em que o português não fosse tão demandado (CAMPOS, 2015) e há quem busque uma nova formação, por não conseguir se inserir profissionalmente na área inicialmente pretendida (SOARES, 2013). Há ainda quem escolha o curso vendo nele a possibilidade de modificar a realidade das novas gerações surdas ou pela oportunidade de estudar com outros surdos, não somente pela possibilidade de encontro, mas também pela escassez e intérpretes para atender a demanda da universidade como um todo.

Eu não saberia responder hoje as razões que me levaram a escolher Pedagogia. Possivelmente esta escolha não se deu pela profissão em si (embora eu já atuasse como professora), mas pela oportunidade de estudar com outros surdos, que eram meus amigos, além do curso ser em uma instituição que já tinha outros alunos surdos e que, portanto, já possuía intérpretes atuando em sala de aula. (ALMEIDA, 2010, p. 5)

O trânsito entre línguas, o acesso ou o não acesso a elas, recebe outras nuances de significado nesse segundo grupo de narrativas. Após o primeiro contato com a Libras, ter ela negada é uma marcação de uma negação de si mesmo, tal como nos aponta Mariana Campos em sua tese, quando ao contar sobre sua experiência na graduação, afirma ter sido obrigada a apresentar oralmente o seu TCC, o que fez com que ela se sentisse humilhada ao ter sua vontade de apresentar em Libras não atendida. Rita Maestri também relata a sua experiência traumatizante como surda oralizada em sala de aula, que a levou ao adoecimento físico. Seu relato nos aponta que mesmo que o Ensino Superior possa ser desafiante para surdos e não surdos, uma vez que a demanda de leitura e a linguagem acadêmica são bastante específicos, para os surdos, ainda que fluentes em português, é comum que não tenham acesso pleno à língua ou aos conhecimentos que circulam fora dos livros.



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

Para mim, foi um grande desafio, pois, sem muito acesso aos meios de comunicação, televisão sem legenda e com muitas informações perdidas, meu vocabulário ficava abaixo do esperado para uma estudante de graduação. Em relação à aquisição do conhecimento eu dependia da boa visualização da boca dos professores para fazer boa leitura labial, isto se eles ficassem na frente para mim, sem andar para os lados. Mas, para eu ter o mesmo nível de conhecimento e de informações que meus colegas e dar conta de realizar as leituras nas nove disciplinas por período, tive que usar o máximo de minhas forças e estratégias para acompanhar os estudos em casa [...]. (MAESTRI, 2014, p. 83)

Em outros relatos, no entanto, ainda que se tivesse a presença da Libras por intermédio de intérpretes, as práticas pedagógicas seguiam pautadas em modelos engessados e padronizados, nos quais o intérprete era visto, equivocadamente, como o responsável não somente pelo acesso linguístico, mas pelo ensino do estudante surdo. Percebe-se que não basta estar ter acesso, é necessário que sejam produzidas condições efetivas de aprendizagem, participação e permanência no ambiente universitário, no entanto em grande parte das narrativas a ênfase é dada aos movimentos feitos individualmente pelo sujeito e não pela instituição.

Movimentos institucionais parecem ser mobilizados pela presença de um número maior de surdos em determinados cursos. A presença surda passa a ser notada e impulsiona mudanças nas práticas pedagógicas e na conquista de direitos básicos como a contratação de intérpretes, quando as demandas individuais se transformam em demandas coletivas. Além disso, o encontro entre pares propicia o conforto linguístico e a possibilidade de criar um ambiente no qual os conceitos são repensados a partir da língua de sinais, o que otimiza o desenvolvimento da própria língua, uma vez que novos termos são pensados, bem como estratégias de tradução são produzidas.

Para mim havia ainda outra novidade: era a primeira vez que eu estudava com intérpretes. Percebi que a presença deste profissional auxiliava em muito nossa aprendizagem. No entanto, faltava aos intérpretes (e também para nós surdos) o conhecimento de sinais específicos da área (conceitos, nomes de autores, terminologias próprias, entre outros), o que levava os profissionais ao uso da datilologia com muita frequência. Como éramos um grupo de surdos, pudemos pensar, a partir das características dos autores e dos conceitos apreendidos, quais sinais seriam mais apropriados para a expressão em Libras dos aspectos apresentados em Português. Este processo compartilhado facilitou bastante, em termos de tempo e de acesso aos conteúdos, as práticas de interpretação. (ALMEIDA, 2010, p. 5)

Além disso, o compartilhamento entre pares e a participação em grupos de pesquisa relacionados a temáticas como a educação de surdos, a língua de sinais, entre outras, possibilita



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

construir pesquisas de maneira menos isolada, fortalecidas pelo compartilhamento de ideias e reflexões. Por fim, de maneira específica na pós-graduação, contar com orientações realizadas diretamente em língua de sinais ocasiona a valorização dos conhecimentos produzidos nessa língua, e a construção de uma relação mais horizontal.

Considerações finais

As narrativas de si possibilitam conhecer traços dessas vidas surdas presentes do ambiente acadêmico. Ao dizerem sobre si, marcam uma diferença, um lugar de fala e com isso destacam um corpo que só por sua presença já se torna um corpo político, que carrega consigo modos de existência marcados pelo trânsito entre línguas e pela comunidade surda que habita e sustenta a presença surda na pós-graduação. A afirmação e manutenção da diferença é sustentáculo para a possibilidade de igualdade social nesse espaço (MARQUES, 2008).

Como resultados das análises, são evidenciados o valor da língua de sinais como aquela que sustenta as identidades e as comunidades surdas, que são narradas como o impulso e também o público para o qual as pesquisas se dirigem. A vida antes da língua de sinais é representada repleta de sentimentos de inferioridade e incompletude. A Libras surge como aquela que rompe barreiras e confere plenitude e sentido à vida, deste modo os textos surdos procuram enfatizar o orgulho e o ganho surdo, celebrando a língua de sinais, salientam também as perdas daquelas vidas que ainda não tiveram a sorte de ter tal encontro.

Para além de ser um marcador cultural e identitário, a língua de sinais é afirmada como uma língua de fato. É ela que possibilita tornar-se bilíngue, não somente pelo acesso enfim a uma língua de maneira mais plena, mas pelas possibilidades dessa língua, apropriada naturalmente, servir de base para o aprendizado de uma língua adicional, o português. O caráter bilíngue da presença surda é destacado, imprime no ambiente acadêmico, marcas de resistência e luta pela abertura de espaços para sua existência.

Por fim, mesmo que a língua de sinais tenha sido reiteradamente marcada como um importante marcador surdo, o objeto dessa pesquisa foi o texto escrito. Ainda que a língua de sinais permeie e (re)signifique as experiências surdas, a mim só foi acessível a narrativa sobre a experiência, a qual, no espaço da pós-graduação encontra no português a sua principal



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

possibilidade de registro. Os textos analisados passaram por processos duplos de tradução: da experiência vivenciada para a linguagem acadêmica, que produz um recorte sobre aquilo que é possível ou relevante de ser dito em um texto acadêmico; e da experiência vivenciada e significada em língua de sinais, mas que necessita ser traduzida para o texto escrito em português, seja porque ainda é a língua mais valorizada no espaço acadêmico, seja como estratégia para que o texto circule por outros espaços.

Enfim, o que temos aqui é um recorte, ainda há muito o que se pensar sobre a presença das línguas no ambiente acadêmico e nas vidas surdas que habitam e (re)constroem esse espaço.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elomena Barbosa De. **O papel de professores surdos e ouvintes na formação do tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2010.

ALVES, Roberto Antonio. **Ser surdo: o percurso (auto)biográfico das aprendizagens construídas na vida escolar e profissional**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2016.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução Paloma VIDAL. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CAMPOS, Mariana de Lima Isaac Leandro. **O processo de ensino-aprendizagem de Libras por meio do Moodle da UAB-UFSCar**. 2015. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, 2015.

CRUZ, Carina Rebello; FINGER, Ingrid. Aquisição fonológica do português brasileiro por crianças ouvintes bilíngues bimodais e surdas usuárias de implante coclear. **Letras de hoje**, [s. l.], v. 48, n. 3, p. 389–398, 2013.

DALL’ALBA, Carilissa. **Movimentos Surdos e Educação: Negociação da Cultura Surda**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Santa Maria, 2013.

FERNANDES, Ana Paula Oliveira e. **Diferenças entre fala e escrita do surdo: reflexões teóricas segundo uma experiência própria**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) -



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO
DE ESTUDOS CULTURAIS
E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS
CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação
em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação
em Educação UFRGS

Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados - MS, 2017.

LADD, Paddy. **Em busca da Surdidade: colonização dos surdos.** Tradução Sintagma; Mariana MARTINI. 1. ed. [s.l.] : Surd`Universo, 2013. v. 1

MAESTRI, Rita de Cássia. **História de vida de uma psicóloga e professora surda: mediações, desconstruções e construções.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

MARQUES, Rodrigo Rosso. **A experiência de ser surdo: uma descrição fenomenológica.** 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2008.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. **Narrativas Surdas de Percursos Acadêmicos.** 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

ROSSI, Aparecida Rocha. **O Ensino de Libras na Educação Superior: Ventos, trovoadas e brisas.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças.** 1. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019. v. 1

SOARES, Charley Pereira. **Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia.** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.